



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
GABINETE DO REITOR
COMISSÃO DA VERDADE

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevista realizada em: 17.9.2013

Hora: 10h

Local: CERES/UFRN

Entrevistados: Celso Luiz Oliveira

Responsável pela transcrição: Mayane Ranice Costa da Rocha e Patrícia Wanessa de Moraes (bolsistas)

Ivis Bezerra: Sem som a gente fica aqui até pode até... Fica mais informal aqui. Muito bem, então vamos começar. Bom dia, quase era boa tarde, mais ainda deu pra chegar. Bom dia, extraordinária Comissão da Verdade, que vai correspondendo à intenção da magnífica reitora ao criar a Comissão da Verdade no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ao longo desses dez meses nós cumprimos uma programação muito... [inaudível] sobre as consequências deletérias da ditadura militar de 64 a 85, né? E que na nossa Universidade também teve, embora não muito trágicos mas alguns muitos violentos, e numa... Num período em que professores servidores e alunos viveram sobre um regime de coerção e uma grande parte foi submetida a constrangimentos e a maioria foi submetida a uma situação de... Que impedia ali a manifestação de pensamentos, que é a base da universidade, a Comissão da Verdade foi instalada em dezembro do ano passado pela reitora da Universidade com a seguinte composição: professor Carlos Roberto Miranda Gomes, que é professor do curso de direito da Universidade, aposentado, membro da OAB do Rio Grande do Norte, membro da Academia de Letras Jurídicas, Academia Macaibense de Letras, da União Brasileira de Escritores, do Instituto Histórico e Geográfico, ele é até o diretor hoje, e como presidente, eu como vice-presidente, Ivis Bezerra, sou professor adjunto aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O professor Almir de Carvalho Bueno, graduado em História, mestre em História e doutor em História,

professor do departamento de História do campus de Natal e hoje professor associado do departamento de História deste CERES, professor José Antônio Spinelli Lindoso, bacharel, mestre em sociologia e doutor em educação, professor titular de teoria sociológica da UFRN, a professor Maria Ângela Ferreira, que é professora associada da Universidade Federal e é presidente do sindicato dos docentes, ADURN, e que está ausente por estar ausente do país. E esqueci de dizer que o professor Carlos Alberto está com um problema de saúde, um problema relativamente simples, mas que dificulta sua locomoção e demorar em estradas e ele infelizmente pra todos nós e pra ele não pode vir. O servidor Moisés Alves de Sousa, representante dos servidores do SINTEST, né, graduado em ciências jurídicas e sociais, e especialista em gestão de qualidade da saúde e é representante do SINTEST; o estudante Juan de Assis Almeida, que é estudante do curso de Direito, que representa o DCE. E como secretária executiva aqui, a gente tem que reforçar nossos agradecimentos da forma exata com que tem exercido essa função. Não é à toa que ela é o braço direito da reitora e a reitora demonstrou o seu interesse na Comissão da Verdade, designando a sua secretária para nos secretariar, que gosta de Caicó, que é seridoense, queria passar três dias aqui, mas infelizmente não foi possível. Kadma é graduada em secretariado executivo, administração, especialista em gestão de pessoas e mestre em administração. Professor Carlos Roberto mandou uma mensagem, eu espero que os que estão aqui de manhã estejam de tarde e vai ter um auditório maior, né, eu suponho, não é, Almir? E aí a gente lê essa mensagem que ele mandou. Eu convidaria os membros da Comissão, por isso que eu estou pedindo pra os demais ficarem aqui mais próximos pra gente quebrar um pouco essa solenidade de auditório por causa do meu tom. Convidar os membros da administração: professor Antônio Spinelli dos docentes ativos e o professor, nosso anfitrião, Almir de Carvalho Bueno representante também de docentes em atividade, Moisés e Juan de Assis Almeida. Vamos nos aproximar mais, é que eu estou preocupado de a gente formar uma mesa maior do que o auditório. Tem uma piada de Miró Fernandes que dizia que a peça teatral era tão ruim que ela não podia ser vaiada porque tinha mais autores do que telespectadores [risos]. Não é o caso do depoimento de vocês, pelo contrário, vamos chegar aqui mais, mais perto aqui. Muito bem, vou passar a palavra para o nosso anfitrião, que é o representante da diretora também aqui. Ela justificou que está em Natal, né?

Almir Bueno: É... Ela está vindo pra cá...

Ivis Bezerra: E à tarde estará aqui.

Almir Bueno: Bom dia a todos, gostaria de agradecer a presença de todos vocês... Quem é daqui sabe como é difícil a gente congregar muito a gente, né, nesse horário que é um horário que é de saída das aulas, que uma parte do pessoal pega os ônibus, vão pra cidades próximas, mas de qualquer maneira a gente espera que a gente possa ter um debate profícuo e também continuar com esse debate na parte da tarde. Eu só gostaria de explicar como foi a dinâmica nossa pra essa Comissão... Subdividi na parte da manhã e na parte da tarde justamente por conta da questão do horário. Então, na parte da manhã, a gente preferiu que os depoimentos fossem de professores da casa, que tiveram alguma participação nos acontecimentos no período em que essa Comissão tem efeito direta ou diretamente, e na parte da tarde que deverá começar às duas horas aí a gente vai pegar o depoimento de personalidades que hoje já não estão na Universidade, embora também tivessem papel na constituição do CERES, que eu acho que o professor Ivis, que trabalhou aqui há alguns anos atrás viu como é, as coisas mudaram bastante em relação a todas as dimensões físicas e acadêmicas. Então na parte da tarde a gente vai ter o depoimento de Monsenhor Tércio, um dos fundadores aqui dos CERES, o de Dr. Salomão Gurgel, embora não tenha estudado o tempo inteiro aqui no CERES, mas foi estudar no exterior e teve uma militância política bastante intensa no período, e o professor João Batista Brito, que é irmão de Zoé Brito, que foi uma das pessoas que acabaram assassinadas pelo regime militar, era de São João do Sabugi. Também vamos ter a presença de presidente do PCdoB municipal explicando a atuação dele no movimento estudantil, só que querendo reafirmar também que as sessões lá tanto de Natal quanto essa aqui e as que por ventura viessem a acontecer são abertas a todas as pessoas e a gente também está acessível para receber informações de pessoas que pra gente escapa. Eu mesmo não sou da região, às vezes posso não saber de determinados detalhes então as pessoas podem contribuir com isso, né. O pessoal da imprensa já entrou em contato comigo à tarde, a gente está tentando fazer uma entrevista coletiva, então eu passo a palavra ao professor Spinelli, só pedindo licença cinco minutinhos que o rapaz da rádio pediu pra eu dar uma palavrinha rapidinha aí eu volto em seguida. Obrigado pela presença.

José Antonio Spinelli: Bom dia a todos. A nossa vinda aqui a Caicó, como já foi ao CERES em particular, como já foi esclarecido, né, pelo presidente em exercício da Comissão e pelo professor Almir, tem como objetivo fundamental ouvir depoimento de

pessoas, o objetivo da Comissão é precisamente esse: restabelecer a história, aquilo que diz respeito à repressão que se abateu sobre esse país durante o período da ditadura militar e particularmente o nosso caso, somos uma Comissão da Verdade da UFRN, não é, fazer cumprir esse resgate no que diz respeito à Universidade, que é uma forma de a nação se reencontrar com a sua memória e, portanto, contribuir para a construção da sua identidade. Esse processo necessário se faz tardiamente, mas não inutilmente e aquilo que se diz respeito à Universidade é extremamente importante porque a Universidade, eu falo da Universidade como um todo, foi profundamente atingida pela repressão da ditadura militar. Aquilo que doutor Ivis disse na sua intervenção inicial, a ditadura cerceou a liberdade de pensamento e sem liberdade de pensamento não era universidade, não há universidade. A essência da vida universitária, da vida acadêmica, é justamente o livre exercício do pensamento, a manifestação livre do pensamento é a atividade universitária. A atividade acadêmica exige isso, exige que os espíritos sejam livres, que possam especular, enfim, produzir, pensar, e esse é um dado fundamental. Nós sabemos que a repressão não se limitou à liberdade de pensamento, cerceou a vida de pessoas, chegou a tirar a vida de algumas pessoas, submeteu-as a torturas etc. durante esse período, embora a abrangência do trabalho da Comissão se restrinja a Universidade, nós pudemos constatar que a atuação dos órgãos de repressão se abateu sob determinadas pessoas e teve repercussões na vida universitária em geral. Nós contamos muitos casos de cerceamento do exercício profissional e isso com repercussões ferias sobre a própria vida da Universidade. Foi um momento, foi um período doloroso na vida da nossa Universidade e isso merecia esse resgate que está sendo feito aqui e agora. A nossa expectativa é a mais positiva, temos uma boa expectativa aqui de, enfim, de ouvir bons depoimentos e certamente isso trará uma contribuição essencial a esse trabalho, até porque o Seridó tem uma presença importante na vida cultural do Estado, é uma região extremamente importante nesse aspecto, então eu retorno a palavra para o doutor Ivis.

Ivis Bezerra: Obrigado professor Spinelli. Juan e Moisés.

Juan Almeida: Bom dia a todos, é com imensa alegria que venho aqui na cidade de Caicó conhecer o CERES. Espero que esta tarde essa reunião, extraordinária audiência pública da Comissão da Verdade da UFRN seja um momento muito proveitoso que a gente possa levantar dados, fatos que ajudem a construir o período da repressão na UFRN e aqui mais especificamente no CERES Caicó. Venho aqui representar o

Diretório Central dos Estudantes, ajudar a reconstruir uma missão institucional também no DCE, de reconstruir historicamente a memória e o movimento estudantil no âmbito da UFRN, né, a gente sabe que a classe estudantil foi uma das mais afetadas no período. Primeiro, a ação da ditadura foi no DCE, foi nos diretórios e espero que a tarde seja muito boa, né, que a gente receba um número maior de pessoas... E é isso, vou passar agora a palavra pra Moisés.

Moisés Domingos: Bom dia a todos.

[Pessoas falando]

Moisés: Primeiramente eu queria agradecer o comparecimento de vocês, né, nessa audiência pública muito importante para a memória deste país, tentar resgatar junto com vocês alguma coisa que ficou aí esquecida, pra tentar mostrar pra população a verdadeira história que ficou escondida em baixo dos tapetes e nesse momento aqui, felizmente aqui em Caicó, o pessoal gosta de dormir até mais tarde um pouquinho, mas está muito bom, muito agradecido por vocês estarem aqui, vamos dar continuidade.

Ivis Bezerra: Obrigado. Professor Spinelli, Juan e Moisés e vamos sem mais delongas, né, já estamos atrasados. Dar a palavra ao professor Celso Luiz Souza de Oliveira, que é o primeiro aqui na ordem da inscrição, é chefe do departamento de Ciências Exatas e amigo e... obrigado ao CERES... com a palavra então aqui você pode falar em pé, aí nesse púlpito, ou na sua cadeira.

Celso Luiz: Pode, sem isso aqui.

Ivis Bezerra: Não! Ok.

Celso Luiz: Bom dia a todos e a todas, é... a minha presença aqui...

Ivis Bezerra: É porque tem uma gravação.

Celso Luiz: Pois não.

Ivis Bezerra: Aí talvez seja melhor, né?

Celso Luiz: Ok.

José Antonio Spinelli: Eu acho que sim.

Celso Luiz: Então vamos começar de novo. Bom dia a todos e a todas. A minha presença aqui perante a Comissão porque sinceramente eu não tenho muita coisa a acrescentar. Sou de Natal, eu estou no CERES a partir de 82 quando fiz concurso para aqui. O que a gente sabe referente ao Seridó, dentro do processo de ditadura, é as conversas que nós tínhamos nos corredores. Na época não se conversava muito, não tinha muita informação, a gente não procurava. Retroagindo um pouquinho, desculpem, eu entrei na universidade em 76, saí em 79. Nesse período eu estudava e trabalhava, então não tive participações em movimentos estudantis até porque precisava estudar e trabalhar, trabalhava o dia todo, estudava à noite. Falei aqui no início, quando eu chegava a jantar, engolia um pouco da alimentação noturna no restaurante universitário e corria pro setor cinco, por dentro ali, quem conhece na época. Então a nossa participação na Universidade foi estudar e trabalhar. Logo em seguida fui trabalhar numa empresa em Natal para ajudar a família e, conseqüentemente, já tava noivo, ia casar. Aí vim para Caicó, em 82, primeiro concurso, vamos chamar assim, grande concurso público aberto. Fomos da primeira leva e em 82 chegamos aqui, até hoje estamos. Então voltando o que eu tinha falado antes, pouco se conversava a respeito da ditadura ou a respeito do movimento, vamos chamar assim revolucionário, principalmente no Seridó, pois não tínhamos informações nem procurávamos saber e o pouco que a gente sabia ou tinha informações era através de algum colega só referente “fulano de tal participou do movimento, fulano de tal foi chamado ao batalhão pra dar entrevistas” e ficava nessa conversas, a gente não se aprofundava e até porque sinceramente não nos interessava, não é que a gente desprezasse o movimento da época ou o que aconteceu naquela situação, mas por não ter aprofundamento de quem não conhecia as pessoas “ah, fulano de tal participou, fulano de tal foi preso, fulano de tal foi chamado ao batalhão”. A gente ouvia não sabia quem eram as pessoas, não éramos daqui e ficava só naquele conhecimento. Então a minha contribuição à comissão não sei se vai ser tão relevante, pois como relatei há pouco a parte de Natal dentro da Universidade a gente tinha informações, ouvia falar “fulano de tal preso, fulano de tal foi cerceado o direito de falar de escrever, teve livros presos”. Mas até então pela nossa formação e pelo nosso dia a dia de trabalhar, não que o movimento fosse desprezado, mas talvez o interesse, a própria responsabilidade de ter que ter aquele emprego, ter aquilo ali aceso para manter a família e outras coisas mais, a gente talvez desprezasse um pouco o movimento. Mas só retroagindo também um pouco, a gente não deixa de ter informações a respeito de 64...é... Falava-se muito de Djalma Maranhão, o prefeito

muito ativo a época, né, foi preso, torturado, que é comunista e... O que é comunista? Para a época, garoto, não cresci muito, o tamanho é o mesmo, praticamente, mas ficava aquela dúvida: o que é comunismo? Por que foi preso? E essas informações nós tínhamos e aprofundamos um pouco no conhecimento até sabermos do seu envolvimento, por que foi preso, qual idealismo que ele tinha. Mas no geral é isso que me marcou, que ficou é assim, vamos dizer, forte na minha vida, não que o movimento, não que o período de 64 a 85 tenha sido deletado, vamos dizer assim, mas ficou algo marcou, marcou algo, ficou plantado alguma coisa. Agora, no Seridó em si, como eu estou desde 82 eu não tenho assim algo que marcasse porque eu não acompanhei, não conhecia ninguém daqui, apenas alguns colegas, particularmente o professor Dirceu que eu acho que já foi ouvido pela comissão, às vezes, em alguns momentos, falava: “fulano de tal foi preso, fulano de tal que... defendia tais movimentos, era da antiga associação dos estudantes universitários de Caicó, parece da época professor do segundo grau foi chamado ao batalhão porque era comunista, era envolvido”. Mas, assim, coisas marcantes eu não tenho nenhum conhecimento, principalmente aqui no Seridó e em Caicó nesse período de 82 até hoje. Fico à disposição da comissão se for o caso mais de perguntas, tinha perguntado ao professor Almir como seria a dinâmica de... não lembro se ele respondeu como seria.

Ivis Bezerra: É informal.

Celso Luiz: Pois.

Celso Luiz: Ok. Mas fico à disposição da comissão caso queira fazer alguma pergunta, alguma coisa que ajude, que enriqueça mais o debate, estou à disposição.

Ivis Bezerra: Obrigado, professor Celso. É... acho que vai haver alguma curiosidade por algumas perguntas. Eu quero fazer duas perguntas: a primeira é de ordem cronológica.

Celso Luiz: Pois não, pode falar.

Ivis Bezerra: Você foi estudante secundarista aqui?

Celso Luiz: Não. Eu cheguei em Caicó em 82 através de um concurso, mas eu morava em Natal, minha família toda de Natal, do interior, aliás, Barcelona, Tangará, no Agreste, mas fomos morar em Natal, cheguei novinho.

Ivis Bezerra: Em Caicó chegou, veio?

Celso Luiz: 82.

Ivis Bezerra: Veio para ser professor.

Celso Luiz: Do CERES, a partir de 82.

Ivis Bezerra: Não foi estudante?

Celso Luiz: Não.

Ivis Bezerra: Foi só professor.

Celso Luiz: Conhecia Caicó apenas de ouvir falar.

Ivis Bezerra: Em 82.

Celso Luiz: Das situações que aconteciam.

Ivis Bezerra: É, na realidade você esteve aqui em um período em que, né, quem por acaso fez repressão já estava negando que tinha feito repressão em 82.

Celso Luiz: Com certeza.

[Conversa ao fundo]

Celso Luiz: E aquelas pessoas que participaram, pouco ficaram a vontade para expor, nós sabíamos por quê: “fulano de tal dizia, apontava fulano de tal participou do movimento, saiu aqui nas ruas poucas pessoas aqui saíam, mas essa pessoa saía nas ruas de Caicó”.

[Conversa ao fundo]

Celso Luiz: Contra a ditadura, contra o movimento, contra a revolução, mas são poucos citados, inclusive tem uma delas [entrevista] que está previsto para hoje à tarde, o professor dr. Salomão, se ouvia muito falar de Salomão, mas nunca tive contato, conheço profissionalmente, mas não conheço a trajetória, excelente profissional, tem informações acho mais do que suficiente pra Comissão, pois estudou muito tempo na Rússia e foi participante de movimentos estudantis, movimentos grevistas e outras coisas mais.

Ivis Bezerra: A segunda pergunta que eu queria lhe fazer é a seguinte:

Celso Luiz: Fique à vontade.

Ivis Bezerra: Apesar de já estar no final da ditadura militar quando você chegou aqui, você tinha, ouviu falar, tinha conhecimento se havia, não precisa nem nominar, mas se havia aqui agentes do setor de informações que espionavam e que transmitiam para a gestão os possíveis delitos de opinião, que eram o que a ditadura militar mais buscava?

Celso Luiz: No caso, aqui no CERES?

Ivis Bezerra: Sim!

Celso Luiz: Nunca ouvi falar, não tenho conhecimento, mesmo que existisse não fui notificado, nem conhecia sobre alguém ou sobre alguma comissão, de algum grupo que fizesse esse envio de informações do CERES, nem até aqui, de colégios, de outras coisas, mas a direção geral. Não tive conhecimento.

Almir Bueno: Posso?

Ivis Bezerra: Pode!

Celso Luiz: Fique à vontade.

Ivis Bezerra: Na sequência de Almir está aberto para Comissão e pra todos os presentes.

Almir Bueno: É... é um prazer também arguir. Agora é Cosme.

Ivis Bezerra: Celso.

Almir Bueno: Celso. É meu colega de CERES e dizer que o fato de não ter participado diretamente desses acontecimentos eu acho que o próprio seu depoimento mostrou isso também, hoje em dia a gente no nosso próprio trabalho de pesquisador em História, Ciências Sociais, pesquisador na área de ciências humanas a gente valoriza também o fato de mostrar como é um momento em que o país vivia, um regime militar, embora já fosse pós-anistia, mas era um regime, era um período que ainda a ditadura militar existia, existia de uma maneira ainda bastante dura, eu digo dura porque aí nesse caso eu também fui testemunha disso entrei na universidade em 1977 e saí dela em 1982 e aí a gente tinha era uma outra realidade, São Paulo, mas a gente tinha esse tipo de

é...oposição, é... ao regime militar que não é às vezes aquela mesma oposição que outras gerações tiveram, de qualquer maneira as vezes até o próprio silêncio, o próprio fato de não se dizer, “aqui na Universidade a gente não sabia, não tem conhecimento”, é um fator de mostrar que o regime tinha esse poder de alguma maneira, de silenciar, amordaçar e... Eu vou fazer, dar continuidade só aqui a pergunta do Dr. Ivis porque aí pegando o último gancho da sua resposta. Existia nas universidades brasileiras nesse período uma instituição ligada ao Ministério da Educação chamada ASI Assessoria de...

[Pessoas falando]

Almir Bueno: Segurança e Informação, que era um órgão de MEC, do Ministério de Educação, mas que eram ligados diretamente aos militares e forneciam informações aos militares. E do ponto de vista da comissão a nossa em Natal, né, Dr. Ivis? Eu acho que ela acabou essa questão da ASI, acabou florescendo muitos mais do que outros aspectos porque, justamente, mostrava o braço da investigação dentro da Universidade a partir do MEC, a ligação com os militares. Então a gente vem muito assim, entrevistando os ex-reitores: “ah... a gente tinha contato com fulano de tal que era o chefe da ASI, mas a gente não sabia nem onde funcionava a ASI, né”. Quer dizer, é um órgão que meio que existia, mas é um órgão meio fantasma e aqui no CERES eu e Edilson, que trabalha aqui com a gente como bolsista provisoriamente na Comissão da Verdade, a gente teve oportunidade de ter acesso aos prontuários da ASI aqui no CERES. Era uma caixona que, inclusive com permissão da direção, a gente levou a Natal pra ser microfilmado, mas que também não, não... Dizem muita coisa além de informações tipo pessoais, o aluno entrava no curso, fulaninho de tal, do curso tal, entrou nesse ano e cursava isso tal, endereço e pronto, só isso, era um prontuário quase funcional digamos assim, mas era de guarda da ASI, então eu acho que não era da burocracia da Universidade propriamente dita, mas era um órgão que tinha ligação direta com os militares. Essa pergunta um pouco que eu queria fazer pra você no caminho aí colocado pelo Dr. Ivis, você nesse período, você não teve conhecimento da existência da ASI aqui no CERES?

Celso Luiz: Me surpreenderam as suas afirmações há pouco. Não tive, estou pasmem com essa informação hoje do CERES, não querendo dizer que a Universidade campus central existisse, todo mundo sabia, mas aqui do CERES nesse período que eu estou de 31 de março, coincidentemente, de 82 a hoje, hoje eu não tinha, não tive e estou tendo conhecimento hoje dessas informações.

Almir Bueno: Não, só ele é...essa documentação estava na, está na...está porque ela vai ser devolvida, nos arquivos dos CERES e foi justamente a gente que soube disso através do depoimento de João Inácio, um funcionário que a gente entrevistou aqui, veja como são as coisas então, quer dizer, gestores.

Celso Luiz: Era até secreto né?

Almir Bueno: É, gestores do CERES provavelmente nem sabem disso, o Cláudio mesmo eu já perguntei uma vez pra ele e ele disse que não sabia então.

Celso Luiz: E eu então, me surpreende também, eu não vou dizer uma coisa verídica, não tinha conhecimento.

Ivis Bezerra: Essa sua declaração é importante porque isso só faz nós admirarmos a eficiência da ASI porque...

Celso Luiz: Exatamente.

Ivis Bezerra: O projeto era esse mesmo.

Celso Luiz: Lógico. Ninguém sabia. Exatamente.

Ivis Bezerra: Como todo bom espião, ninguém sabia.

Celso Luiz: Hoje, a partir dessa afirmação, eu acho que talvez o CERES, todos tenham conhecimento, mas muita gente da minha época com certeza, a não ser que o próprio funcionário tenha dito ou tenha transmitido algumas informações durante, já que ele fez direito no período que ele foi aluno e juntamente com os outros colegas dele que ele era funcionário técnico administrativo, mas, particularmente, confiavelmente, não tinha essa informação.

Almir Bueno: [áudio prejudicado]

Ivis Bezerra: É bom falar no microfone que está sendo gravado.

Almir Bueno: É, identificar.

Rosenilson: Olá, bom dia a todos e todas, eu sou Rosenilson, professor aqui do departamento de História do CERES, e a minha pergunta é bem simples, o professor disse, o professor Celso afirmou que ouvia-se apenas boatos nos corredores que

determinado sujeito, aluno, havia sido convidado até o batalhão para ser ouvido porque às vezes esse sujeito se opunha à revolução e aí eu queria saber só com relação a esse termo, nos corredores, nessas conversas que acabavam ocorrendo, era assim que se chamava mesmo assim, determinado aluno se opunha à revolução, ao falar?

Celso Luiz: É, eu acho que eu não citei aluno, então...

Rosenilson dos Santos: Sim, mas alguém que de repente.

Celso Luiz: Nos corredores, nas salas, nas conversas, fulano de tal, professor secundarista que, me falha agora o nome, eu não me lembro, fulano de tal participou do movimento contra o governo. Então essas pessoas eram chamadas pra conversar, pra dar informações, era mais ou menos isso que a gente ouvia durante aquele período de cafezinho do período do lanche, mas aluno, de modo geral, não lembro, citar nominalmente aluno de tal curso, entendeu.

Ivis Bezerra: Mas a pergunta dele acho que foi mais objetiva.

Celso Luiz: Não!

Ivis Bezerra: Se usava a expressão revolução?

Almir Bueno: Em vez de golpe de 64?

Celso Luiz: É, algumas pessoas envolvidas com revolução, era comunista...

Ivis Bezerra: Contrarrevolução.

Celso Luiz: Ou tinha princípios ou tinha atitudes ou ideias comunistas, então a pessoa se envolvia numa passeata ou movimento, mas talvez não soubesse nada a respeito da história, do período da ditadura, mas era envolvido com a passeata no movimento, então essas pessoas eram talvez chamadas ou iam dizer alguma coisa ou alguma informações nesse período mais ou menos isso, não sei se...

Ivis Bezerra: Estão abertos ainda os debates.

José Antônio Spinelli: Bom dia, professor Celso, prazer tê-lo aqui prestando depoimento. É...eu acho, veja bem, eu achei interessante também a utilização do termo revolução, porque isso mostra a eficácia da mídia favorável ao regime e a capacidade dos ideólogos, dos formuladores do regime, de fazer passar o movimento deles, na

verdade foi uma contrarrevolução, foi um golpe de Estado, chamou revolução e isso terminou sendo incorporado no vocabulário do cotidiano, mostra a eficácia. Não me surpreende que você não tenha conhecimento acerca da ASI, porque a ASI instituição coletava informações e agia pelas sombras, procurava o máximo possível não ter visibilidade, certo?! Agora pelo o que você falou aí me ficou a seguinte impressão, que o batalhão do exército aqui na região e mais especificamente aqui em Caicó assumia a repressão visível porque, veja, a ASI fazia a repressão invisível, a ASI podia recomendar a não contratação do professor, ou recomendar admissão do professor, ou recomendar que o aluno fosse convocado por algum órgão de segurança e existiam outros órgãos que faziam a repressão visível, por exemplo, convocavam as pessoas para fazer depoimentos. Então eu gostaria de saber o seguinte da sua parte: se você tem conhecimento, porque nós devemos nos pautar pela objetividade, se você tem conhecimento de colegas seus, seja do mesmo departamento ou de outros departamentos, ou de alunos que tenham sidos convocados pelo batalhão de segurança para prestar depoimentos, se sofreram algum tipo de restrição de sua liberdade, alguma forma de repressão, se isso foi comentado, se foi do conhecimento de outras pessoas, né, ou mesmo se foram colocados internamente em nível da própria administração da Universidade na própria administração do CERES para ser inquiridos enfim, acerca do seu comportamento, das suas atitudes ou de ideias que tenham propagado?

Celso Luiz: Não tenho nenhum conhecimento. Nominalmente não tenho nenhum conhecimento do meu departamento, apesar de que em meu departamento 95 são novos, novos que a gente fala dez, quinze anos pra cá, acho que uns três, quatro são da minha época. Então do meu departamento, da instituição e de outros departamentos vizinhos não tenho nenhum conhecimento nominalmente falando que tenha sido convocado, que tenha sido convidado a dar alguma informação algum depoimento.

Ivis Bezerra: Muito obrigado. Alguém mais? Rosenilson [dos Santos], eu queria fazer uma observação a sua pergunta, que eu achei muito oportuna, que lembra uma, é... não só a mídia que foi muito benfeita como a coerção que é uma ditadura militar, né, os olhos em cima de todos nós... terminou que naturalmente as pessoas tratavam o governo como revolução, quem era contrário como eu, por exemplo, dizia o governo... não dizia que era ditadura, evidente que eu não sou herói, quer dizer o governo, nem governo militar era recomendado dizer, era revolução. Mas quando você fez essa pergunta eu lembrei de um fato que eu não sei aqui se vocês viram, há poucos dias uma grande

figura pública, que em meu pré-Alzheimer já não me lembro quem foi... recentemente eu vi isso na TV Globo uma entrevista de uma grande figura pública que foi deoposição ao regime militar e que foi falar sobre o período e disse: “A revolução...” aí parou e disse: “o regime militar”. Ele mesmo falou, não sei se vocês viram, ele falou “a revolução”, quer dizer, se traiu porque obrigatoriamente na época era isso aí. Muito bem.

Celso Luiz: Só complementado.

Ivis Bezerra: Pois não, eu queria, que você vai encerrar já aí, lhe agradecer.

Almir Bueno: Deixe Só...

Celso Luiz: Só complementando.

Almir Bueno: Rapidinho.

Ivis Bezerra: “Tá”.

Celso Luiz: Eu me lembro quando nós saímos de Tangará em [prejudicado] para Natal em 64 eu [prejudicado] recordo que quando eu cheguei em Natal aí disseram: “cuidado na revolução”, eu, criança, pensava que ia ter morte, briga no meio da rua quando eu encontrasse, quer dizer o termo e isso aí eu acho que ninguém vai omitir, vai esconder, o termo passado era revolução. Agora o significado depois, cada um teve o seu significado, correto, o próprio exemplo que o professor deu agora, quer dizer, o cara confundir [prejudicado], mas o termo usado pra gente transmitir passado, repassado era revolução. Aí quando eu cheguei fiquei pensando “eita”! Vamos sair de lá, fiquei de encontrar alguém brigando alguma coisa, querendo matar, eu criança, novinho, então pessoal, era só isso.

Almir Bueno: Celso, só a última coisinha que aí... porque quando a gente conversa assim... você como já está há algum tempo aqui...

Celso Luiz: Alguns anos.

Almir Bueno: É, embora ainda seja jovem.

Celso Luiz: Obrigado pelo jovem.

Almir Bueno: Mas anos de Universidade, você poderia citar alguém que a gente

pudesse colher um depoimento desses, você tinha dito disse lá do padre João, lá de São João.

Celso Luiz: Padre Pinto.

Almir Bueno: João de Pinto.

Celso Luiz: Os colegas que eram até assim, a gente chamava Dirceu o próprio Zé Aranha, chamava Dirceu de Revolucionário, Almir falou que já foi ouvido.

Almir Bueno: Dirceu já.

Celso Luiz: É uma das pessoas e o Padre Tércio também, que eu conversado com o colega aí, que já está tarde é uma biblioteca, e o João Agripino, não sei, o estado de saúde dele eu acho que ele está com Alzheimer não é nem pré, eu acho que já está, mas é outra pessoa que viu esse CERES nascer, é da diocese, pertence à diocese de Caicó de São João do Sabugi, não sei as condições de saúde, mas seria, se tivesse condição seria, será uma pessoa importante, depoimento para essa Comissão e enriquecimento pra ela, não sei o estado dela. Então, pessoal, tenho que agradecer só a vocês que ouviram, tiveram a paciência e isso é meu relato sincero.